



verve

O anarquismo na América Latina...

o anarquismo na américa latina: um esboço sobre sua história, características e perspectivas

nélson méndez

Recebam todos os participantes e organizadores deste evento uma saudação solidária dos anarquistas venezuelanos, em particular do grupo a que pertencço: o coletivo editor do jornal *El Libertario*¹, com o qual temos nos esforçado há 17 anos por percorrer os caminhos da dignidade, combatividade e entusiasmo que ontem foram, são ainda hoje, e serão amanhã sinais que identificam e dão plena vigência a nosso movimento no mundo. Com a intenção de contribuir desde a América Latina para que todos conheçam, reconheçam e busquem o fortalecimento da identidade que nos une como anarquistas, meus colegas do *El Libertario* e eu pensamos que o mais conveniente seria apresentar neste Encontro uma introdução global à história, características e perspectivas do anarquismo no nosso continente.

Nélson Méndez é membro do Coletivo Editor de El Libertario e Professor Titular da Universidad Central de Venezuela, em Caracas.

verve, 22: 23-42, 2012

23





Dada a presença aqui de muitos jovens com diferentes níveis de interesse no assunto, mas em geral com pouco ou limitado acesso à informação sobre os temas desta exposição, apresentarei um esquema básico com ideias, personagens, fatos e referências necessárias para compreender o anarquismo latino-americano e sua trajetória. Este relato, especialmente em seus aspectos históricos, não pretende ser erudito, pois espero que, se estas palavras gerarem efeitos na plateia, o façam mais na dinâmica de solidariedade militante e animada troca com o movimento ácrata contemporâneo no nosso continente, e menos na produção de *papers* e teses universitárias. Em suma, esta será mais uma conversa para anarquistas que para especialistas; e, de modo algum será para esses “anarcólogos” que se deleitam em decretar que o ideal anarquista foi extinto com o fim da Guerra Civil Espanhola, em 1939.

Para entrarmos no assunto, vou propor uma abordagem que analisa o passado, o presente e o possível porvir do anarquismo latino-americano, visto em quatro momentos históricos: 1) o século XIX, sua fase inicial, com a chegada da Europa e sua inserção entre nós; 2) o primeiro terço do século XX, com o auge do anarco-sindicalismo e da presença libertária nas lutas sociais, na dinâmica política e no cenário cultural e intelectual do continente; 3) o período de eclipse e quase total desaparecimento entre a segunda metade dos anos 1930 e a década de 1990; e 4) o período entre final do século XX até o momento atual, com um retorno esperançoso do anarquismo, enfrentando o desafio das novas realidades e de, nelas, colocar à prova as potencialidades do ideal libertário.

Embora essa periodização dê uma noção aproximada sobre a localização temporal, não pretende determinar pe-





O anarquismo na América Latina...

ríodos exatos para o que vem acontecendo nos países do nosso continente porque as circunstâncias variaram entre eles; de modo que a abordagem proposta deve ser ajustada de acordo com cada contexto específico. Para citar um exemplo, na Venezuela o processo de chegada e integração foi lento e intermitente (até a segunda ou terceira década do século XX); somado a isto, não pode se verificar nesse país o auge do movimento que foi evidente em outras partes da América Latina, entre as quais, por sua vez, existem variações significativas (veja-se o que aconteceu na Bolívia, na Costa Rica, em Cuba e no Uruguai, para citar alguns casos).

Uma das maiores dificuldades para abordar a trajetória do anarquismo continental é o silêncio imposto sobre esta questão por historiadores oficiais positivistas, liberais ou marxistas, e do qual só recentemente começa-se a escapar. Com esse bloqueio de “invisibilidade” pairando sobre a história do anarquismo em cada país, pode-se imaginar o quão angustiante resultaria esta proposta por explicar a via libertária em toda a região, se não houvesse um antecedente de grande valor como apoio e inspiração nessa tarefa: o prólogo “Anarquismo Latino-americano”, escrito por Ángel Cappelletti, em 1990, para o trabalho de compilação intitulado *El Anarquismo en América Latina*². Sob a identificação discreta como “prólogo”, temos um texto abrangente que combina conhecimento rigoroso e paixão pelo ideal ácrata, com uma visão geral da história do movimento libertário continental (desde suas origens até meados do século XX) que, na minha opinião, é leitura indispensável para qualquer pessoa interessada neste tema. Sirva esse comentário para encorajar nova publicação em espanhol do trabalho (esgotado há anos e só disponível em formato digital), bem como a sua tradução e divulgação em outros idiomas.





Voltando àquelas épocas (décadas de 1870 e 1880), em que alçou vôo a Internacional antiautoritária, cujo 140º aniversário recordamos aqui em Saint-Imier, várias publicações, personalidades, debates e eventos evidenciam que o anarquismo não só já havia chegado a terras latino-americanas, como também iniciava sua adaptação e enraizamento nas realidades dessa parte do planeta, e a este respeito tem de se considerar a forma como um amplo setor entre os oprimidos identificou as propostas libertárias com tradições de igualitarismo coletivista que, para muitos povos indígenas, eram anteriores ao imperialismo europeu, asteca ou inca, enquanto para aqueles de origem africana provinham do tempo anterior à escravidão.

Foi rápido e fértil o esforço por “aclimatar” o anarquismo, processo que merece ser melhor conhecido pelos anarquistas de outros continentes, pois é uma das muitas razões que explicariam que o ideal ácrata calasse fundo em muitas de nossas lutas e movimentos sociais. Como evidência precoce desta assimilação da ideia, podemos mencionar a *Escuela del Rayo y El Socialismo*, no México; Enrique Roig San Martín e o jornal *El Productor*, em Cuba; Manuel González Prada, no Peru; e a proliferação de ativistas e publicações que efervesciam na área do Rio de la Plata, onde foram fundadas, em 1872, as seções uruguaia e argentina da Associação Internacional do Trabalho (A.I.T.), ambas com acentuada orientação libertária. Para uma relação mais ampla das expressões do anarquismo continental nas décadas finais do século XIX, e as primeiras quatro décadas do século XX, veja-se a “Cronologia” (1861-1940), que Cappelletti incluiu como apêndice no volume acima referenciado.

Entrando nos anos de 1900, o nascimento da Federação Operária Argentina (FOA), que logo seria a Federação





O anarquismo na América Latina...

Operária Regional Argentina (FORA) e da Federação Operária Regional Uruguaia (FORU), da Confederação Operária Brasileira (COB), da Federação Operária Regional do Paraguai (FORP), a indomável atividade sindical libertária em Cuba, o trabalho persistente e clandestino de propaganda e organização operária do Partido Liberal Mexicano de Ricardo Flores Magón, são sinais que indicam como o anarco-sindicalismo se tornou a expressão mais evidente (mas não a única) da presença de ideias e práticas anarquistas na América Latina no primeiro terço de novo século. A chama libertária arde forte naqueles dias, não só entre os trabalhadores destes países, mas em geral no resto do continente, de modo a fazer jus à seguinte declaração de Cappelletti: “pode-se dizer, sem dúvida, que o anarquismo se enraizou entre os operários nativos de maneira muito mais profunda e extensa do que o marxismo (com exceção talvez do Chile)”.

Uma declaração como esta será rejeitada pelas interpretações oficialmente aceitas da direita e da esquerda autoritária, que sempre têm ignorado, minimizado e adulterado a profunda marca anarco-sindicalista na vida social latino-americana. Em resposta, Cappelletti sustentava seu parecer com uma base sólida de referências documentais para cada país, que tem se expandido em quantidade e qualidade devido às diversas, densas e valiosas pesquisas históricas das quais apenas mencionarei algumas poucas, a saber: *Biófilo Panclasta: el eterno prisionero*, do Coletivo Alas de Xué da Colômbia³; *El Anarquismo en Cuba*, de Frank Fernández⁴; *Magonismo: utopía y revolución, 1910-1913*, de Ruben Trejo⁵; *História do Anarquismo no Brasil*, em dois volumes compilados por Rafael Deminicis, Daniel Aarão Reis e Carlos Addor⁶; *La choledad antiestatal*.





El anarcosindicalismo en el movimiento obrero boliviano, de Huáscar Rodríguez⁷; além das contidas no site do Grupo J.D. Gómez Rojas de Chile e do Arquivo Anarquista Peruano.

Em toda parte e em todo momento, a ação anarco-sindicalista se uniu ao interesse de pensar e manter viva uma cultura libertária que enfrentasse os suportes ideológico-culturais da opressão. Nas primeiras décadas do século XX, e mesmo antes, multiplicaram-se na América Latina experiências, estudos e propostas, em um esforço por descobrir as rotas que levassem prontamente a construir o mundo livre proposto pelo anarquismo. Esses esforços produziram-se, apenas para mencionar algumas das suas dimensões, através de cooperativas auto-gestionadas, fundos solidários de ajuda mútua, escolas livres da supervisão eclesiástica ou estatal, experiências de vida em comunidade, editoras sem fins lucrativos, projetos autônomos de criação/difusão cultural. Sendo essas as suas metas, não é surpreendente que um setor significativo de artistas e estudiosos tenham se atraído por um pensamento e uma prática que, de forma tão vívida, propunha a ruptura com o conservadorismo sufocante que então governava as sociedades do continente. Deve-se lembrar que esse nexos entre uma parte da intelectualidade e o anarquismo ocorreu em termos distintos ao do processo análogo acontecido com o marxismo, no qual essa elite assumiu o papel de vanguarda dirigente, presumindo ser a única capaz de interpretar corretamente a consciência revolucionária para os trabalhadores e outros tantos explorados.

Além disso, neste alvorecer do século XX, se mantém e consolida a vontade de desenvolver no continente uma





O anarquismo na América Latina...

teoria anarquista adequada para refletir e intervir sobre as especificidades da nossa realidade. O anarquismo latino-americano não esperou que as luzes chegassem da Europa, dando por si mesmo respostas novas e coerentes para questões como, por exemplo, a situação de opressão, racismo e embrutecimento da qual padeciam camponeses e indígenas; ao avanço agressivo do capitalismo imperialista externo, associado com os poderes semi-feudais locais; à hegemonia cultural reacionária exercida pela Igreja Católica; à luta pela libertação das mulheres; ou a como fazer para que um movimento político-social decididamente racional e moderno, como o anarquista, conseguisse seus propósitos na situação do tradicionalismo caudilhesco e de ignorância generalizada, ainda imperante em nossas terras, e para o qual chegou a criar respostas organizacionais tão originais como FORA na Argentina ou o Partido Liberal Mexicano.

Ver como os camaradas e as camaradas pensaram suas circunstâncias, para depois agir em conformidade e fazê-lo de acordo com o Ideal, é uma lição valiosa para hoje, quando podemos aprender com seus sucessos e suas falhas, bem como sobre as tensões e debates que foram gerados nos setores libertários. Os exemplos são muitos, alguns de tamanha importância que não conseguiram ser apagados da memória coletiva, apesar das artimanhas dos historiadores no poder; outros estão apenas começando a ser resgatados das mistificações ou esquecimentos, e valorizados em sua importância. A esse processo de reflexão, debate e ação devem ser associados pessoas e grupos que se expressaram com coragem, razão e sagacidade; algumas das quais mencionarei mais adiante como uma forma de chamar a atenção para sua obra e trajetória, e que mere-





cem uma análise muito mais detalhada do que a proposta neste esboço histórico.

Mais uma vez eu me volto ao prólogo de Cappelletti, que propõe três razões, que considero válidas, para explicar o declínio sofrido pelo anarquismo latino-americano a partir das décadas de 1930 e 1940. Eu acrescentaria uma quarta que as complementa. Essas causas são:

1°. O auge do autoritarismo do qual padece a América Latina nessas décadas, visível em ditaduras como as de Machado e Batista em Cuba, Vargas no Brasil, Urriburu na Argentina, Terra no Uruguai, e assim outros sinistros casos em outros países. Estes regimes foram particularmente sistemáticos e ferozes na perseguição ao movimento operário e anarquista, pois se introduzia, então, no nosso continente o modelo repressivo próprio do Estado moderno totalitário que, naquela época, mirava-se nos exemplos a serem seguidos da Itália fascista e da Alemanha nazista.

2°. A fundação dos partidos comunistas do continente, cujo relativo florescimento (em alguns casos, à custa do anarquismo) tem muito a ver com o “prestígio revolucionário” de que se orgulhavam devido a sua dependência da União Soviética, que os controlava e sustentava enquanto instrumentos internacionais da sua política de Estado.

3°. O surgimento de correntes nacional-populistas (Aliança Popular Revolucionária Americana/APRA, no Peru; o Partido Revolucionário Institucional/PRI mexicano; o peronismo argentino; Ação Democrática na Venezuela; o battlismo no Uruguai, etc.) que, com o apoio de fatores de poder emergentes, são bem sucedidos em propagar a sua ideologia de reformismo pró-estatista e de vago patriotismo, apresentando-se como uma possibilidade





O anarquismo na América Latina...

supostamente realista pela sua flexibilidade política e pela gama de realizações menos subversivas e mais imediatas que aquelas prometidas pelo anarquismo.

4°. A derrota da Revolução Espanhola e o que ela gera em termos de crise ou de refluxo para o anarquismo da América Latina. O ano de 1936 na Espanha foi sopro de esperança para um movimento anarquista que começava a se perceber na defensiva ou em refluxo – exceto lá –, gerando por isto mesmo uma intensa solidariedade ácrata continental, razão pela qual o resultado desse processo foi mais do que sombrio para aqueles que ainda levantavam bandeiras libertárias nesta parte do mundo, unida por tão fortes laços com a Península Ibérica.

Em tal atmosfera, tornou-se muito difícil a mera sobrevivência de grupos, de publicações e de atividades anarquistas em quantidade, que lembrassem tudo aquilo que, em tantos lugares, fora conhecido pela geração anterior. Certamente não se extinguiu o anarquismo latino-americano neste período que começa no final de 1930 e se estende até por volta de 1990, mas em muitos lugares pareceu ter desaparecido sem deixar vestígios, ou se manteve apenas enquanto viveram os envelhecidos e escassos porta-vozes do Ideal. Nem mesmo a chegada do grande contingente de exilados libertários ibéricos, espalhados pela América Latina depois de 1939, reverteu esta tendência, apesar dos esforços que fizeram para contribuir com o movimento onde se estabeleceram. Sem dúvida, houve iniciativas para reverter esta trajetória descendente, dentre as quais, talvez o melhor exemplo tenha sido a 1ª Conferência Anarquista Americana de Montevideú, em 1957, mas pouco ou nada se conseguiu a este respeito.





Para piorar a situação, a fidelidade marxista-leninista proclamada em 1961 pelos líderes da insurgência que haviam derrotado dois anos antes o ditador Batista, no que foi chamado de Revolução Cubana, pareceu a muitos uma evidência conclusiva de que o dogma da foice e do martelo era a única maneira de promover, com sucesso, mudanças revolucionárias e progressistas em nosso continente. Essa mesma fé foi imposta nos desdobramentos radicais do nacionalismo populista (é o caso do Movimento da Esquerda Radical/ MIR da Venezuela, do Peru e da Bolívia) ou do ativismo católico de base, cuja *teologia da libertação* se fundia com o marxismo, sem maiores complicações. Assim, até a década de 1980, o debate da esquerda acontecia entre as variantes marxistas que ostentavam seu perfil autoritário como insígnia revolucionária de sua linhagem, enquanto muito pouco do que provinha do anarquismo era compreendido ou atendido, e que na melhor das hipóteses diluía-se no que fosse mais palatável para o chamado marxismo crítico.

Com o isolamento, parte do combalido movimento libertário tendeu a se lançar à nostalgia da glória do passado, o que dificultava compreender e agir com destaque em seu presente, enquanto outro setor promovia uma aproximação a posições marxistas (por exemplo, moderando ou silenciando o discurso antieleitoral, recusando-se a criticar o regime de Fidel Castro, assumindo o discurso ambíguo de “libertação nacional”, e/ou acomodando-se aos mitos guevaristas-militaristas sobre a luta armada), o que acabava sendo mais claudicação que aproximação. O exemplo mais doloroso dessa rendição ao marxismo foi a posição de uma parcela do anarquismo continental (por exemplo, a Federação Anarquista Uruguiaia) e mundial





O anarquismo na América Latina...

(Daniel Cohn-Bendit no 1º Congresso da Internacional das Federações Anarquistas/IFA), que se prestaram a silenciar, e até mesmo a justificar, a feroz repressão do regime de Castro, que liquidou ou lançou ao exílio o movimento libertário cubano.

Tais circunstâncias explicam basicamente o porquê, no período entre o Maio de 1968 e a queda do Muro de Berlim, em 1989, quando em outros lugares do mundo há um ressurgimento relativo das bandeiras negras, a decadência ainda é a tônica do anarquismo na América Latina. Nem mesmo a saída da clandestinidade do anarquismo espanhol após a morte de Francisco Franco, em 1975, com seu simbolismo e com a liberdade para divulgar, a partir de então, suas publicações, teve, em princípio, qualquer efeito perceptível. No máximo, pode-se recordar nos anos 1980 a presença dos resquícios libertários que nos meios juvenis significou a extensão da cultura punk ou, mais especificamente, anarco-punk.

Na década de 1990, no entanto, há uma mudança no cenário e nas referências que definiam a esquerda continental. Chegam os ecos do colapso do império soviético, deixando em orfandade político-ideológica os viciados no marxismo, incluindo aqueles que haviam se aventurado a fazer discreta crítica a esse absurdo do *capitalismo de Estado* pudicamente chamado de *socialismo real*. Além disso, os regimes de similar gabarito que sobreviveram, como a China, aceleraram sua entusiasmada “Longa Marcha” à globalização neoliberal, com exceção da Coreia do Norte, perdida em uma autarquia stalinista e dinástica. A expressão de tal afundamento no Novo Mundo foi o desfazer-se da miragem da Revolução Cubana, que servira de narcótico consolo ao marxismo-leninismo continental ao longo





de trinta anos de derrotas, cada uma mais dolorosa que a outra para seus devotos (como a insurgência guerrilheira dos 1960, o Chile de Allende, o deslocamento dos sandinistas na Nicarágua, para citar algumas delas).

Além disso, as tortuosas táticas do leninismo foram a melhor escola para que muitos políticos e organizações nascidas dessa matriz ensaiassem o mais descarado oportunismo, chegando a negar qualquer discurso ou intenção revolucionária. O colapso do bloco soviético e os fracassos notórios de linha autoritária marxista em nossos países deram alibis “politicamente corretos” para que esses “convertidos” à santidade da democracia burguesa iniciassem um caminho que, no futuro, lhes daria muitos frutos na escalada ao poder, que têm trilhado com absoluta devoção aos interesses do Estado e do capital.

Com o colapso das certezas estáticas que regeram em décadas anteriores, as ideias e práticas ácratas voltaram a ter uma audiência que havia muito lhes era desconhecida, ainda que isso não tenha gerado novo auge imediato ou sem percalços. Às vezes agiram influências de fora da área continental, quando ficou claro que vinha do âmbito libertário aquilo que de mais destacado acontecia no que se refere à reativação das lutas sociais, à organização coletiva para além dos falidos modelos leninistas e às propostas revolucionárias a eles associadas.

Somado a isto, houve a descoberta que faziam diferentes atores sociais, em contextos diferentes, tanto das ideias do anarquismo quanto da sua história em nossos países, tendo em vista que estava se enfraquecendo a exclusivista hegemonia doutrinária do marxismo e seus partidários. Assim, durante um período que chega até hoje e abrange





O anarquismo na América Latina...

todos os cantos da América Latina, um número crescente de ativistas, de jovens com perguntas e inquietações, de mulheres, de indígenas, de estudantes, de trabalhadores, de pessoas com curiosidade intelectual, aproxima-se do ideal anarquista com um interesse que só tem precedentes naquele que despertou no início do século XX.

Por volta de 1995, quando a internet era uma novidade apenas disponível para uma minoria na América Latina, começou-se a usá-la como forma de contato, troca e divulgação do anarquismo, demonstrando ser altamente adequada para esses fins. Por isso, quando nos anos seguintes essa rede de redes gradualmente se abriu para um uso bastante difundido entre a população, consolidou-se como uma ferramenta muito valiosa nesse ressurgimento do anarquismo. Isto não só pelas possibilidades de comunicação instantânea, ou troca de informações em grandes volumes e custos cada vez mais baixos, mas porque ela tem promovido modos de relacionamento horizontal, coordenação não-hierárquica e ação em rede que são, desde sempre, práticas anarquistas.

Vivemos nos últimos vinte anos o que me atrevo a chamar de *retorno do anarquismo latino-americano*, com indicadores precisos e verificáveis: multiplicação de publicações periódicas (impresas e virtuais), junto com renovados esforços para divulgar livros e panfletos libertários clássicos ou recentes; o contínuo brotar de coletivos e espaços de inspiração ácrata (mesmo em lugares sem antecedentes anarquistas); plurais e criativas expressões de *ciberativismo*; ressurgimento notável da militância, das propostas e dos símbolos do anarquismo em diferentes situações de luta social; manifestações vivas e reconhecíveis em diversos âmbitos da cultura, seja nas artes figurativas, no palco, na





música, na literatura, na pesquisa ou na reflexão sócio-histórica. Tudo isso de alguma forma evoca o panorama libertário continental de um século atrás, porém, destaca uma diferença crucial: falta a primazia do foco e da ação anarco-sindicalista que existiu naquela época. Não cessam os esforços para recuperar algo da visibilidade de outrora, mas salta à vista a lenta recuperação do anarquismo no meio laboral quando comparada a outros campos da vida social.

O quadro do anarquismo no Novo Mundo completa-se com as referências às tensões e desafios com os quais deve lidar hoje em dia, destacando-se três fontes para esta reflexão. Primeiro, o livro póstumo do saudoso companheiro Daniel Barrett, *Los sediciosos despertares de la anarquía*⁸, que contém a melhor análise sobre as realidades e tarefas a cumprir hoje pelo movimento anarquista na América Latina; por isso sua leitura é recomendável como a do prólogo de Cappelletti. A segunda referência é a lista de correio eletrônico *Anarqlat*⁹ que, desde 1997, tem sido fórum virtual de troca para o movimento libertário continental, razão pela qual nele se manifesta, e de forma significativa, sua história recente. O terceiro apoio está no site do jornal venezuelano *El Libertario*, em cuja seção “textos” existem densos e diversos trabalhos em torno da atualidade do anarquismo latino-americano, além de um dossiê que compila a literatura sobre este assunto na edição impressa deste porta-voz ácrata que circula desde 1995.

Todo o anteriormente mencionado, a respeito da recente publicação de obras que abrem um caminho promissor para reconstruir a memória do anarquismo latino-americano, sem dúvida contribui para o avanço do conhecimento histórico e para esclarecer debates entre os





O anarquismo na América Latina...

estudiosos, mas para nós é de extrema importância em função da recuperação da capacidade para expor interpretações próprias e pertinentes sobre a sociedade, a política e a cultura dos nossos países, o que requer uma compreensão completa do que fomos, de quem somos e do que queremos ser.

Precisamos então de uma história resgatada das armadilhas positivistas, liberais ou marxistas. É necessário, também, o conhecimento e o aprofundamento recriador do ideal ácrata, superando preconceitos contra o saber e a capacidade intelectual alheios à tradição anarquista, de pessoas que lêem para refletir, discutir e construir a utopia possível. Isso é altamente relevante para o presente e o futuro do anarquismo na América Latina, pois devemos reconstruir e fazer avançar um pensamento/ação próprio, diferente não só daquilo que é colocado pelos nossos óbvios adversários da direita, mas do que propõe um marxismo que, em diferentes partes do continente, atua agora como gerente do Estado e da salvaguarda dos interesses do capitalismo globalizado, papel que seus variados expoentes cumprem rigorosamente, apesar das diferenças de maquiagem.

Seria desastroso para o nosso movimento se fosse incapaz de definir este curso autônomo que foi um dos seus pontos fortes no passado, que de modo algum significa isolar-se, mas manter seu próprio perfil e não diluir nossos objetivos específicos. Já dissemos que é obrigação do anarquismo se recriar para atender às novas circunstâncias, mas distorceria a sua identidade se o fizesse procurando eficácia nas desgastadas plataformas organizacionais do leninismo; se promovesse o anti-imperialismo como um grito de denúncia contra o agressivo intervencionismo ianque, mas que se cala diante de outras potências imperiais de espírito semelhante; se questionasse o capitalismo privado para





justificar o capitalismo de Estado; se aceitasse que os avanços na conquista do pão justificam os retrocessos na conquista da liberdade; se propusesse que, com a tolerância e ainda o patrocínio de “Estados progressistas”, seria possível construir “poder popular”. Enfim, se o anarquismo recair nos caminhos que conduziram ao marxismo como opção para uma mudança revolucionária positiva, paradoxalmente, daria razão aos agouros do autoritarismo vermelho sobre a impossibilidade do socialismo libertário.

Desde as décadas de 1930 e 1940, o anarquismo latino-americano tem um desafio pendente: como lidar com sucesso com a demagogia do nacionalismo populista, que em suas mutáveis variantes ainda é figura dominante no cenário político continental. A atual onda de “governos progressistas” é o novo disfarce desse antigo adversário, que é de vital importância ser contestado com respostas no nível prático e bem articuladas na teoria, que tornem evidente aos olhos do coletivo a fraude dessas alegadas realizações estatais e supostas boas intenções dos governantes, de modo a promover e atuar, desde as bases, para construir opções realistas de ação autônoma, alheias às disputas sobre o manejo do Estado e independentes das instituições de poder. Estas ideias gerais (e sua aplicação prática) ainda requerem muita reflexão e trabalho por parte do movimento ácrata na América Latina, uma vez que certamente já não há mais lugar para repetir equívocos marxistas, tampouco espaço para ignorá-los agora, deixando-os para mais tarde, ou ainda para optar pela tolerância cúmplice ou por apoiar como aliados menores populistas “menos piores”, aqueles que se dizem de esquerda ou socialistas. Evidências da urgência deste desafio, das confusões que gera e do dano persistente que o





verve

O anarquismo na América Latina...

anarquismo tem sofrido por não decifrá-lo, é que agora temos de lidar com os “anarco-chavistas” na Venezuela, como se não fossem suficientes as lastimáveis paródias do “anarco-peronismo”, do “anarco-battlismo” no Uruguai e do “anarco-castrismo” cubano.

Insisto em algo que considero essencial para que o esperançoso retorno ácrata termine de enraizar: é preciso consolidar o anarquismo como ferramenta válida e construtiva para as lutas sociais autônomas de hoje, que as oriente em direção à perspectiva de revolução inerente ao ideal libertário. Sem dúvida, o impulso do atual renascimento na América Latina tem suas raízes conjunturais nos processos da cultura de massas como a difusão do punk, processos intelectuais como a revitalização do interesse pelas ideias ácratas, e processos políticos como a irrupção neozapatista desde 1994, e o auge do movimento antiglobalização a partir de Seattle 1999; mas se posteriormente tem conseguido se manter é porque, em muitos aspectos, consegue conectar-se com demandas e conflitos coletivos como poderá verificar qualquer um que percorra o panorama contemporâneo de ativismo e de luta social continental. Ainda que não sejam tão sólidas e difundidas quanto gostaríamos, essas conexões existem, oferecendo uma possibilidade que seria imperdoável deixar passar.

Concordo com a afirmação de que o anarquismo será ação social ou não será. Adiar ou subordinar essa ação em função de feitos exemplares, da profecia e dos ensaios de “dias de fúria”, de um pessoal “estilo de vida livre” que se torna um pretexto contra a solidariedade, de se isolar em um anarquismo para o cultivo intelectual ou gozo estético, condenaria o nosso ideal à esterilidade e à inércia.





Entrando na parte final desta palestra, vou apresentar uma lista de escritores anarquistas latino-americanos, que eu pessoalmente considero as figuras mais importantes do pensamento libertário continental. Chamemos de “clássicos” os que escreveram antes de 1950: Enrique Roig San Martín (cubano; 1843-1889), Manuel González Prada (peruano; 1844-1918), Ricardo Flores Magón (mexicano; 1873-1922), Rafael Barrett (hispano-paraguaio; 1876-1910), Luisa Capetillo (portorriquenha; 1879-1922), Edgard Leuenroth (brasileiro; 1881-1968), José Oiticica (brasileiro; 1882-1957), Francisco Pezoa (chileno; 1885-?), Diego Abad de Santillán (hispano-argentino, 1897-1983).

Há, também, os “contemporâneos”, que se destacam a partir da segunda metade do século XX: Jacobo Maguid (argentino; 1907-1997), Luce Fabbri (italo-uruguaia; 1908-2000), Abraham Guillén (hispano-uruguaio; 1913-1993), Edgar Rodrigues (luso-brasileiro; 1921-2009), Ángel Cappelletti (argentino-venezuelano; 1927-1995), Roberto Freire (brasileiro; 1927-2008), Rubén Prieto (uruguaio; 1930-2008), Alfredo Errandonea (uruguaio; 1935-2001), Rafael Spósito (alcunha de “Daniel Barret”) (uruguaio; 1952-2009).

É imperativo mencionar, também, os agrupamentos e propostas coletivas mais destacados, já extintos ou ainda existentes: Asociación Continental Americana de Trabajadores – ACAT/AIT, Casa del Obrero Mundial (México), Centro de Cultura Social (São Paulo, Brasil), Centro de Estudios Sociales Germinal (Costa Rica), Colônia Cecília (Brasil), Comunidad del Sur (Uruguai), Confederação Operária Brasileira, Confederación General de Trabajadores (México), Diario *La Protesta* (Argentina), Federación Obrera de La Habana (Cuba), Federación Obrera Local





O anarquismo na América Latina...

(La Paz, Bolívia), Federación Obrera Regional Argentina, Federación Obrera Regional Peruana. Federación Obrera Regional Uruguaya, IWW – Industrial Workers of the World (Chile e outros países do continente), Partido Liberal Mexicano, Periódico *La Protesta* (Peru), *Revista Guámgara Libertaria* (mantida por cubanos no exílio).

Do mesmo modo, segue uma amostra da diversidade que existe hoje entre as centenas de presenças da Internet ácrata latino-americana: AculturaA/ La Libertaria – Venezuela (acultura.org.ve), Archivo Anarquista Peruano (anarquismoperu.noblogs.org), Coletivo Ativismo ABC e Casa da Lagartixa Preta – Brasil (ativismoabc.org), Cuba Libertaria (issuu.com/ellibertario/docs e nodo50.org/ellibertario/cubalibertaria.html), Federación Anarquista de México (congresolibertario.blogspot.com), Federación Libertaria Argentina (libertario.org.ar), Federación Obrera Regional Argentina (fora-ait.com.ar), Grupo José Domingo Gómez Rojas/Chile (grupogomezrojas.org), Hommodolars Contrainfo – Chile (hommodolars.org/web), La Libertad/Costa Rica (lalibertadcr.blogspot.com), La Papalota Negra/El Salvador (papalotanegra.noblogs.org), Mujeres Creando/Bolívia (mujerescreando.org), *No borders, no nations/Anarquismo “latino” en U\$A* (butterflyrevolt.tumblr.com), Núcleo de Sociabilidade Libertária/Nu-Sol/Brasil (nu-sol.org), Periódico Anarquía/Uruguay (periodicoanarquia.wordpress.com), Periódico *Sin Permiso*/Paraguay (periodicosinpermiso.wordpress.com), Radio Piromanía – Colombia (radiopiromania.latenia.net), Semilla Libertarias – Porto Rico (semillaslibertarias.blogspot.com), Soma, uma terapia anarquista – Brasil (somaterapia.com.br).





Saint-Imier, Suíça. Agosto 2012

Tradução do espanhol por Néelson Méndez. Revisão da tradução por Thiago Rodrigues.

Notas

¹ Disponível em www.nodo50.org/ellibertario.

² Ángel Cappelletti e Carlos Rama (orgs.). *El Anarquismo en América Latina*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1990. [Edição impressa esgotada; digital disponível em www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&no_cache=1&download=155.pdf].

³ Orlando Villanueva, Renán Vega, Juan Gamboa, Amadeo Clavijo e Luis Fajardo. *Biófilo Panclasta, el eterno prisionero* Ediciones Alas de Xue, 1992.

⁴ Frank Fernández. *El anarquismo en Cuba*. Madrid, Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 2000.

⁵ Rubén Trejo. *Magonismo: utopía y revolución, 1910-1913*. Cidade do México, Editorial Cultura Libre, 2005.

⁶ Rafael Deminici, Daniel Aarão Reis e Carlos Addor (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Mauad/Eduff, 2006; 2009.

⁷ Huascar Rodríguez García. *La choledad antiestatal. El anarcosindicalismo en el movimiento obrero boliviano*. Buenos Aires, Libros de Anarres, 2010.

⁸ Daniel Barret. *Los sediciosos despertares de la anarquía*. Buenos Aires, Anarres, 2011. [Também disponível em www.quijotelibros.com.ar/anarres.htm].

⁹ Disponível em <https://lists.riseup.net/www/info/anarqlat>.

